



GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão o propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



Parlez! siete arripelones
Al pegaren a la entrada
Mas yo di una puñalada
A uno de los vascones
VAQUEIRO

VISITACÃO

Director:
D. José Ferrão.

Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES

RADICALISMO

Este «cavalheiro», que por todo o mundo está sendo posto de parte como inimigo indesejavel da segurança dos Estados e do bem público, ainda tenta num vão esforço levantar a cabeça, a sua cabeça empoeirada dos polvilhos doirados da fantasia e do sonho, a sua cabeça vazia de bom senso e de miolo...

Sua Ex.^a tem levado machadada sem conto e, não satisfeito com as lições da História e do Tempo, que não são para desprezar, mas sim para meditar muito profundamente, pois os seus exemplos são outros tantos ensinamentos até mesmo para os mais conservadores do seu comodismo, de vez em quando surge por entre as camadas sossegadas e indiferentes aos que a rodeiam na mira falaz de as enganar com a sua voz meliflua e branda, mas cujo veneno se vai encontrar até ao Amago e espera de matar em nome da fei e da liberdade, quantas vezes no da propria humanidade.

Nunca noutra coisa pensou o radicalismo. Abramos os fastos e, serenamente, percorramos as suas páginas. Cada uma delas tem o seu crime; cada uma delas tem a sua mancha de sangue e o seu ódio é bem visível—ódio que se vê claramente ainda contra Deus, contra as Nações, contra os Reis!

Cada página é um sudário monstro de vítimas—culpadas umas, inocentes a maior parte!

As Nações tem tremido diante das suas ameaças, mas não sei porquê Deus as tem amparado e defendido dos inimigos de todos os lados. Vejamos a Espanha e a Itália, a França e a Bélgica! O radicalismo, quer se chame republicano, socialista ou bolchevista—no fundo são todos os mesmos—, tem estendidas as suas garras sobre as cabeças dos Presidentes e dos Reis para, em hora própria, e magá-las de encontro ao edificio do Estado, derrubando, a seguir, os seus alicerces, as suas tradições, as suas leis e costumes. Outros desejos não tem o radicalismo! Noutra coisa não pensam os extremistas! E' o seu sonho estúpido de assassínio, de banditismo, de barbarie...

A França, principalmente, tem passado, nestes últimos sete anos de guerra e de sacrificios inumeráveis, por dolorosos e amargos transe, que, por vezes, tem-se a impressão de que os seus inimigos a vencem e a estrangulam. Mas não! A França é eterna, a França não morre enquanto tiver soldados iluminados de Joanne d'Arc, soldados de espirito nacionalista e disciplinado, a queles mesmos soldados do Marne, que um clarão de fé e de patriotismo passou como uma rajada de milagre diante das suas frentes aureoladas de glória e de triunfo; aqueles mesmos soldados de Verdun que a Morte não venceu!

Descontentes com a Vitória da França, ansiosos talvez pela sua derrota, os radicais e comunistas deram-se as mãos, muito fraternamente, e todos juntos pronunciaram-se contra a ocupação do Ruhr, contra os interesses vitais dos franceses fazendo jogo aberto e franco aos inimigos de ontem que são os mesmos de 70. Mas uma voz se fez ouvir de muito alto que indicou a Poincaré o caminho do Dever—«até ao Ruhr ou até Berlim!»

Era o espirito uno de toda a França que se levantava obedecendo ao Nacionalismo incarnado nas cicatrizes sagradas dos corpos mutilados dos heróis da *Action Française*.

O radicalismo perdeu, desta vez, a cartada. Perdê-la-há sempre para bem da França e de toda a Humanidade.

Não foi o seu radicalismo de dezenas de anos o factor principal de todos os males sofridos, de tanto sangue ter corrido inutilmente a ordem do Liberalismo e da Revolução Francesa?

Domingos RIBEIRO.

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portugueses que acima de tudo coloquem o bom nome e interesse da sua Patria!

Conde de Margaride

Promovida pela Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus, celebrou-se, na passada segunda-feira, pelas 6 horas da manhã, no templo da Oliveira, uma missa, havendo tambem comunhão geral, oferecida ao Sagrado Coração de Jesus pelas melhoras do illustre Vimaraneense e Bemfeitor, Sr. Conde de Margaride.

CONFERENCIAS

Novo plano de comodismo, as conferencias, na falta da salva de prata, encontraram as fementidas Juventudes Monarquicas Conservadoras, de tal modo emaranhado e anarquico, que uma vez mais nos lembra o celebre doido de De Bonald, que para matar uma aranha queimou a casa.

Faltava-lhes a encarnação numa alimaria que as traduzisse em perfeição, e lá a tem á ré do Orgão do Constitucionalismo, rabiscando uma Causa Monarquica de qualquer, que em cada dia nos aparece em seu individualismo naturalmente republicano.

E como o individualismo foi sempre a inversão de construir, de realisar, de afirmar, a Causa Monarquica das Mercês e da Barroca vai-se destruindo, vai-se negando, vai-se desaparecendo.

A terapeutica oportunista segue a estrada natural, no caminho do abismo que a absorverá, deixando, por nosso bem, o caminho livre a uma geração que desponta em anseios novos de ascensão.

As conferencias seriam praticas se nelas houvesse uma ordenação, uma orientação, uma finalidade.

Mas não. Ali ha de tudo e para tudo, naquele prazer de agardar a gregos e a troianos, desagradando a todos, a ninguem satisfazendo.

Fulge por vezes uma propaganda que é intensa e extensa da doutrina que devemos querer mais e mais, de melhor em melhor. Mas logo outros a subvertem estranhamente collocando o auditorio de ontem na duvida se a verdade é a contradição hoje expandida.

A norica constitucionalista é bem regulada pelas conferencias destas estranhas Juventudes que antes são velhicos catturras, se não são velhacarias obscenas.

Ha conferencias que se ouvem de agrado hom, não reparando em questões de detalhe e que de perto se não prendem com elas.

Assim até hoje, entre tanta palestra, salvam-se tres!...

A primeira daquelas a que me refiro, infindavelmente profunda, versada por quem possui nome nos fastos militares, defini-nos o Exercito, desde D. Sebastião em que se organiza até á sua recomposição na Monarquia de amanhã.

Saturio Pires passa nos em revista uma época remota que capitula em Evora-Monte. Depois, é este charco em que o espirito e a organização militar desapareceram; e finalmente o seu ressurgimento na Monarquia Portuguesa, em que o Exercito se refunde, para de novo ascender ao seu altar de nobre guardião, de veneravel fiador da Nação.

Sobre a Igreja levanta-se Fernando de Sousa, o consagrado Nemo da «Epoca», em que a pena toma sempre novo brilho, iluminada da religião e da cren-



Acto de Fé

Aos rapazes integralistas da minha terra

Senhor D. Encoberto, um peregrino,
De olhos em Deus e alma alcoroçada,
Chega a tomar assento na Cruzada,
Que vai a demandar o teu destino.

E assim como tu, quando menino,
Sentiste a Raça heroica e torturada,
Berço de Fé, d'igual amor divino,
Vem dar a crença que te vai levada.

A Senhora da Esperança o alumia;
—Bendito seja o seu olhar sagrado
Que canta como um sol de alueluia!

A Cruz de Cristo alçada contra o mal,
Cruzados, meus irmãos do Desejado,
Partamos por El-Rei de Portugal!

Exilio de Madrid—Abril de 1919.

NOVAES TEIXEIRA.

ça, que foram a Imortalidade de Portugal, e por Ela velam em melhor devoção.

E' a sua aureola, que sempre lhe foge quando dela se escapa sobre o campo politico-social que define a razão portuguesa, em submissão voluntaria á ordem natural das cousas.

Ali vemos a Cruz, como além a Espada, no abraço melhor, e que os liberaes empoados de monarchicos profanaram tanto, apunhalando os seus pastores entretidos com o seu breviario, quer nos passaes, quer no pulpito.

A Cruz e a Espada incensadas de tanta veneração, vemos ali nas Juventudes Monarquicas Conservadoras entre os grotescos de palhaçadas, a que tambem se emprestam, sem reboço, as distincções de conferencias.

Ah!... De Bonald, De Bonald...

Aparece-nos mais recentemente Antonio Cabral noutra aspecto da vida portuguesa—a sua estrutura e corporatura.

Lá nos apresenta o principio em que assenta o Integralismo Lusitano—o Nacionalismo. E afirma então que o sindicalismo corporativista é o seu meio, erguendo-o numa adoração que é o desenrolar duma melhor harmonia do empirismo construtor que nos rege nesta batalha de sempre o para sempre—o Municipio, o Sindicato, a Corporação.

Finalmente, apresenta-se-nos monarchico por conclusão e não pela pleguice de o ser, que de tanto ridiculo tantos veste ainda.

E ficamos por aqui... porque não ha mais. O resto é apenas a demolição de tres confe-

rencias, a que o «Correio das Manhãs» abre as portas a toda a largura em prejuizo daquelas que se esperaria dever incensar.

Mas não. Assim é que está certo. Se não houvesse um Anibal... Soares, a Causa Monarquica continuaria a arrastar-se para aí, nesse coaxar das rãs que não sobe além dos pantanos que enxameia.

Assim morre-se mais depressa, num Ocaso que não deixa saudades, numa velharia que se não re-orda, que passa e se esvae sem causar pena e só dá alivio.

Muito o Integralismo Lusitano já lhe vae devendo.

Ah, De Bonald, De Bonald, dá-lhe mais pressa para que da casa incendiada nem as cinzas nos incomodem breve.

Ponte e SOUSA.

Imprensa

«PRO VIMARANE»,

Reapareceu no ultimo domingo este nosso presado colega local, quinzenario defensor dos interesses da nossa cidade, que se apresenta com a mesma feição de puro baírrismo.

As nossas felicitações e desejos de longa vida e prosperidades.

«LUZITANIA»,

Recebemos a agradável visita deste bi semanario do Porto, de literatura, arte e sport, que se apresenta belamente colaborado e com excelente aspecto grafico. Desejamos lhe longa vida.

S. Cristóvão

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha de ser.

(Continuação do n.º 143)

Assim, a derrocada se adyinhava no ruído ruidoso com que se ia desconjuntando aquele mal equilibrado edificio social, escorado apenas de baionetas e de ladrões.

E á beira do abismo para que todos caminhavam ás cegas, empurrando-se e esmagando-se com violência, ainda os homens se matavam, e roubavam, e blasfemavam de Deus, e adoravam, em apoteoses bárbaras, o eterno Bezerra d'Oiro do egoismo e da cubícia. Entretanto, para as bandas geladas do Nordeste, um grande sol vermelho nascia envolto no mesmo lençol de sangue em que os «Jacques» foram amortalhados, e as hordas selvagens dos Gostes e Magostes ameaçavam de novo assolar a Europa. Um receio agourento de catastrophe arrebanhava as almas, e tudo era confusão, e incerteza, e pavor.

Em tão dolorosos e agitados tempos da mais profunda renovação social, S. Cristóvão reaparece de novo sobre a face torturada da Terra.

E' alto como a mais alta chaminé de fábrica, corpulento como uma torre, e tão forte, que retém um comboio em acelerada marcha e esmaga só com um punho fechado um quarteirão inteiro de casas. Vem de muito longe, do fundo escuro de mil anos; seu corpo enorme, crescido ainda durante a longa ausencia da Terra, assistiu, contente, á Idade Média, sorriu ao neo-paganismo da Renascença, lastimou o absolutismo, as licenciosidades e a lama doirada de Luiz catorze e Dom João quinto, chorou a hecatombe sangrenta da Revolução burguesa, e vendo como em quasi dois séculos de Democracia se desencadeou sobre a humanidade um ciclo-

ne bárbaro de egoismos e de rapinas, éle voltou á Terra seus passos de sacrificio e de amargura, a espalhar o bem e a reconfortar as almas.

Mas o bom gigante já não encontra cargas pesadas que retire de sobre os homens e animais, nem crianças ingénuas que brinquem na palma aberta da sua mão, nem eremitas a quem distribua o pão e a água e a lenha, nem rios de águas profundas e revoltas onde sirva de barqueiro e tudo caridosamente carregue sobre os seus ombros fortes.

E no entanto a humanidade sofre mais a servidão, a fome e a dor que no afastado e tóvo crepúsculo do feudalismo. Porquê, se a máquina tem substituído a energia produtora de milhões de braços? Porquê, se a sciencia faz produzir em uma geira o que dez geiras não produziam noutros tempos? Mas a fome, a dor e a escravidão subsistem, apesar de tudo.

Que vai fazer então o grande Cristóvão? Em que rudes trabalhos irá ser empregada a energia colossal daquele corpo? Que novas caminhadas vai empreender o Santo para que os fracos não sejam oprimidos, e a paz e o pão façam reinar a alegria nos rostos e nas almas?

Ah! Cristóvão sabe agora bem onde bebem e se enfartam de seiva as raizes do mal! O bom Jesus ordenara aos homens: — «Amai-vos uns aos outros», e confirmara com o seu precioso sangue os mandamentos da Lei de Deus. Porque os esqueciam os homens? Pois não viveriam mais tranquilos e felizes não matando, nem roubando, nem enegrecendo a fôca de falsas juras, nem refocilando na lama de todas as devassidões e rebolando-se, porcos, nos vícios mais abjectos?

(Continua.)

REACÇÃO

O conflito havido em França entre os heróicos camelots du roi e os frívolos partidários do extremismo que tem como chefe essa sinistra figura de Caillaux, traidor á Patria de S. Luiz, tem sido alvo de todas as atenções não só na velha França, como também em todos os outros países.

De um lado, lutam os heróis da grande guerra, áqueles que tam nobremente verteram o seu sangue em holocausto á sua Patria invadida pelas hostes germanicas; é o aguerrido e valeroso grupo de «L'Action Française», baluarte du nationalisme intégral. São os realistas franceses.

Do outro, áqueles homens sinistros e cobardes, ámbiciosos e mandatarios de Germain Breton, que, durante o periodo da invasão, durante a tremenda luta iniciada em Agosto de 914, continuavam a manter as mais íntimas relações com o invasor. São os homens do Brunel rouge, os partidários de Caillaux.

E a França, nesta luta que se desenrola entre os legionarios duma Patria Maior e os seus incarnados e ámbiciosos inimigos, não deixa de manifestar a sua simpatia pelos valorosos realistas.

E' a reacção em marcha, são as duas verdades eternas que Balzac proclamou no prefacio de «La Comédie Humaine»: *la religion la monarchie, deve necessitês que les événements con-*

tempora ns proclament, que ecoaram, na alma martirizada dos patriotas franceses.

E' a luta entre o Bem e o Mal, entre a Verdade e a Mentira que se desencadeia. E' a purificação das almas que a Democracia perverteu, é, enfim, a luta contra o rouceísmo liberalista que o século XIX (*le stupide*) nos legou.

E' o renascimento dos fundamentos da Realza. E' a confirmação da inalterabilidade das leis historicas.

Com os exemplos eloquentissimos que a Democracia nos tem dado, a intelligencia desperta hoje para a realidade historica. E, desse despertar grandioso, nasce a reacção.

Derrota-se o individualismo economico, nascido dos chamados *Direitos do Homem* e fonte abundante de torpezas e espoliação.

Proclama-se o sindicalismo organico, o regresso a uma sábia metodisação do Trabalho, levantando-se contra o presente e em face do futuro como uma norma energica de Disciplina e Competencia, que assegure a equipolencia pacifica das diversas organisações e, assim, cai-se irremediavelmente na reabilitação estrondosa da Monarquia.

Falido o equívoco liberalista em cem anos de abundante prova, é á ordem tradicional da Raça que se volta, não como uma devolução obscurantista em que

prevaleçam misonieismos inferiores de atrofia, mas sim como um acto de aceitação consciente para com a velha experiencia das gerações extintas, que guarda como ela a chave misteriosa do nosso determinismo pessoal e colectivo.

O anacronismo desacreditado pelas fantasias absurdas do Progresso-Indefinido, a nevrose atrabiliária da Revolução, desencadeou toda a serie de angustias para a vida dos povos, atrofiando-a.

E, de desfrenação em desfrenação, chegou-se ao ponto de romper com a Patria e com a Familia.

A causa aguda que nos eclipsa, superecitou uma época de imaginação e melancolia. Nem tudo se perdeu nas jornadas fataes, nos naufragios em aguas fétidas de politiquice desenfreada.

De sorte que a indole negativa do Progresso, coincidindo com toda a serie de desastres que se têm desencadeado, contribuiu para pôr a nu toda a vacuidade do Dogma, toda a enfatuada trilogia da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, com que os homens da Revolução conseguiram enganar os povos. Despontou uma nova época de reconstrução nacionalista. Trata-se de reunir todas as solidas bases do passado, para se poder edificar com maior segurança o edificio do futuro.

Nada ha que conservar porque tudo derriu num montão de podridões. E' necessario reconstruir-se, renovar-se. E essa reconstrução, e essa renovação não podem assentar nos mesmos faldos principios ou em miragens enganadoras.

Os vícios da Democracia são bem presentes. Pela Ordem Nova, pelos Municipios, pelas Corporações, a luta vai-se estendendo, cada vez mais intensa, cada vez mais renhida, contra as prestidigitaciones habilidosas dos arautos liberalistas.

M.

2.º Congresso

da União Arquidiocesana das
Juventudes Catolicas
de Braga

EM VIANA DO CASTELO

Realizar-se ha nos proximos dias 6, 7 e 8 de Julho, em Viana do Castelo, o 2.º Congresso da União das Juventudes Catolicas da Arquidiocese de Braga.

Tema geral:

A S. S. Eucaristia, vida da
Juventude Catolica.

No dia 6—Missa e Comunhão. Abertura solene dos trabalhos do Congresso. Inscrição das delegações. Secção de Piedade: Relator, Dr. Ferreira Fontes; Secção de *Circuitos de Estudo*: Relator, Dr. Avelino Gonçalves. Reunião dos Assistentes Ecclesiasticos das Associações arquidiocesanas.

No dia 7—Missa e Comunhão. Abertura dos trabalhos. Secção de *Ação*: Relator, Dr. Francisco Veiozo. Corpo de *Scouts* Catolicos Portugueses: Relator, Franklin de Oliveira, commissário geral. Reunião dos *Antigos* da J. C. de Braga e do Grupo Arnaldo Lamas; jantar de confraternisação em Santa Luzia.

No dia 8—Missa, Comunhão Geral e Sermão. Entrada do Corpo de *Scouts* Catolicos vindo de Braga. Provas desportivas pelo grupo desportivo da J. C. de Viana e pelo Corpo de *Scouts*, com desfile geral das delegações.

A' noite sessão solene de encerramento do congresso na sede da J. C. de Viana.

O Sr. Arcebispo Primaz assistirá ás ceremonias religiosas e á sessão de encerramento.

Exposição Industrial
do Concelho

O EDIFICIO DOS CORREIOS

IRÁ DESTA VEZ?...

Parece uma obsessão esta teimosia em que anda a imprensa local de reclamar á repartição autonoma dos correios—Direcção Geral—uma estação central mais condigna e á altura das condições da terra.

Surge, porém, a noticia de que a planta, o terreno e a verba orçamental estão entre mãos do Sr. Ministro do Comercio, acrescentando a mesma noticia: que tudo depende de se *soprar a fogueira*. E a imprensa, lendo isto, encolhe os ombros—desconfiando de que o balão não suba. Contudo ninguém exita em afirmar que se trata duma obra imprescindível, que até já lhe reservam terreno, já lhe executaram a planta e já foi orçamentada.

O que falta, então, para que essa obra entre em realidade? Apenas isto: que os representantes do concelho no Parlamento—estão lá, ou são de gesso?—batam ao ferrolho do Ministerio do Comercio para que o orçamento ordinario seja aprovado sem a exclusão da verba que se destina á primeira empreitada—alicerces—do estudado edificio.

Que eu por mim não sei se os senhores Deputados accitaram a representação para estas procuradorias da cidade! Ando até desconfiado que os senhores Deputados são creaturas pouco dadas a massadas e que o melhor será—não lhes tocar!

Sim, porque não basta subir uma vez as escadas que levam á Direcção Geral dos Correios, falar uma vez ao Sr. Director Geral. E' preciso perseverança, teimosia e, tal attributo, é privilegio de poucos—mormente sendo deputado por Guimarães.

Mas vamos que, desta feita, a coisa vai a caminho de triunfar. Resta que a Associação Commercial convide o Sr. Ministro do Comercio a aproveitar a sua vinda a esta cidade por ocasião da Exposição de Agosto, para no mesmo programa, discursos e enscenação festeira, lançar a pedra inaugural do prometido e anciado edificio dos correios.

—Porque se não pensa nisso?

Exoneração

Foi exonerado do cargo de bibliotecario da Escola Primaria Superior de Guimarães o sr. dr. Domingos Ribeiro Dias da Silva.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.º Sr.,

Orpheon de Guimarães

Como temos noticiado, é hoje que o nosso distinto grupo coral vai á cidade do Porto, realizando á noite, no Teatro de S. João, um atraente sarau de arte, com o seguinte

PROGRAMA:

1.ª Parte:—Pelo Orpheon—Rapsodia n.º 2, Maia Santos; A Pastorinha (canção), R. Dantas; No Bivaque (canção militar), A. Alves; Noites de Abril (coral), R. Dantas; Nabuco—Rô d'Assiria—(opera), G. Verdi.

2.ª Parte:—Pelo terceto—Anillo de Hierro (preudio), Marques; Momento Musical, Schubert; Barcarola, Bougini; Chapou de três bicos, A. Rente; Fados (canto).

3.ª Parte:—Pelo Orpheon—Ernani, «Coro dos bandidos» (opera), G. Verdi; Andorinha Ferida (canção), R. Dantas; Portugal é lindo (canção), A. Leça; Rapsodia n.º 1, A. Dantas.

Certos estamos que será mais um triunfo para o nosso Orpheon, a juntar a tantos outros, o que para nós é motivo de orgulho.

A apresentação será feita pelo distinto critico e professor sr. dr. Aarão de Lacerda.

Peregrinação a Lourdes

EM 25 DE MARÇO DE 1924

COM PAGAMENTO
A PRESTAÇÕES

Pegam-se informes á

AGENCIA STELLA, LIM.ª

3, Travessa do Aloorim—L. SBOA
222, R. Sá da Bandeira—PORTO

Juventude Catolica

Na sede desta prestante colectividade, e como tinhamos noticiado, realizou, no passado dia 13, uma conferencia o illustrado sacerdote e distinto orador, rev. sr. dr. Avelino Gonçalves.

Fez a apresentação do orador o presidente da Juventude e nosso presado amigo sr. Manuel Alves de Oliveira.

Entrando no uso da palavra, o rev. sr. dr. Avelino Gonçalves refere-se á obra das Juventudes que devem orientar-se sempre pela sua divisa: *Piedade, Estudo e Ação*. Narra a acção das Juventudes Catolicas italianas e conta episodios interessantes desenrolados durante o tempo que S. Ex.ª passou em Roma.

Refere-se, depois, á organisação do Corpo do *Scouting* Catolico que deseja ver espalhado por todo o pais, e, como em Braga, organisação dentro em breve nesta cidade.

Termina fazendo um apêlo aos jovens catolicos para que nunca esqueçam os seus deveres e continuem propagando as verdades da Religião, sendo muito aplaudido.